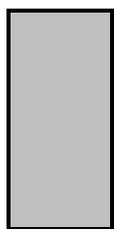


Artigo



O OLHAR ANALÍTICO DE UM OBSERVADOR VIGILANTE

Maria Cristina Nunes Ferreira Neto*

Resumo

Este artigo analisa o relato atento e minucioso do naturalista Auguste de Saint Hilaire, sobre sua viagem em 1817 à Província de Minas Gerais. Nesta reflexão procuramos mostrar como o seu "olhar educado" sobre o outro, observando as cidades, os campos, os hábitos, os gestos e os comportamentos dos mineiros, era uma prática exercida pelos intelectuais europeus do final dos séculos XVIII e XIX, em busca de conceitos universais e métodos científicos para compreender a sociedade moderna emergente. Nessa busca incessante, novas categorias estéticas passaram a caracterizar, explicar e determinar as paixões humanas, o caráter e a identidade tanto dos indivíduos como das nações.

Abstract

This article analyse the attentive and detailed description of the diligent naturalist and explorer Auguste de Saint Hilaire, about his trip in 1817 to the Minas Gerais Province. This reflection intendeds to show how his "polite look" about the other, observing the cities, the fields, the habits, the gestures and behaviors of the inland (*sertanejos*) people from Minas Gerais, was a custom practiced by intellectuals from Europe at the end of XVIII and XIX centuries, in search of universal concepts and scientific methods to understand the modern emergent society. In this non stop search new esthetics classes explain and establish the human passions, the nature and identity of individuals and nations.

-
- Mestre e Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora substituta no Departamento de História da Universidade Federal de Goiás e professora convidada no Departamento de História e Relações Internacionais da Universidade Católica de Goiás.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 10	149-179	2003
-----------------	---------------	-------	---------	------

Palavras-chave: história-literatura, civilização-progresso, representação-identidade.

Keywords: history-literature, civilization-progress, representation-identity.

No final do século XVIII e durante a primeira metade do século XIX, a Europa vivia um período de prosperidade e de expansão econômica advindas da revolução industrial. O ímpeto da industrialização alimentava a ânsia dos homens de negócios, tornava insaciáveis e vertiginosas as demandas das fábricas e exigia agressividade dos Estados para conquistar os mercados de seus competidores. Se, por um lado, esta foi a época do livre comércio e da disputa entre as nações européias, por outro, foi também um momento de intensa exploração e apropriação de terras e povos desconhecidos. No mundo europeu, as empresas comerciais intensificaram seus interesses minerais e agrícolas. A cada dia constituíam-se companhias privadas que obtinham o direito de explorar os recursos de imensos territórios em terras longínquas.¹

Afloraram os interesses por viagens de explorações e redescobertas, realizadas por cientistas viajantes – naturalistas, médicos, engenheiros e geólogos – que compunham uma “vanguarda ilustrada” a serviço do capital europeu. Desta forma acentuaram um processo iniciado anteriormente,² visando a penetração pelo interior dos países a ser conhecidos, descritos e classificados segundo o imperativo da ciência eurocentrista.³

¹ Para uma compreensão deste período de expansão econômica européia ver, particularmente: HOBSBAWM, E. *A Era das Revoluções: Europa (1789-1848)*, 15ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

² O século XV experimentou um outro tipo de viagem, que passou a instigar a ousadia dos europeus ávidos pelo enriquecimento e seduzidos pelo brilho dos metais preciosos: as viagens transoceânicas de “descoberta” de um mundo novo que todos passaram a querer conhecer. Assim, a partir do século XVI, presenciou-se na Europa um incremento de viagens particulares, que se tornaram a forma de conhecer o mundo e outras culturas. Este processo foi acentuado com a Revolução Industrial, que marcou o início do capitalismo organizado no mundo do trabalho e também a estruturação do pensamento progressista burguês.

³ Este processo será acentuado na segunda metade do século XIX, tornando-se um eficiente sistema de dominação e exploração exercido pelas grandes potências eu-

Acoplados a esses objetivos econômicos estavam os interesses de poderosas comunidades científicas européias. Não é exagero lembrar que o século XIX, além de se caracterizar pela expansão capitalista, foi também um momento privilegiado da ciência, de construção de discursos de saberes, que resguardavam superioridade à Europa. Como bem mostrou Pratt, no centro dessas retóricas científicas e econômicas estava inscrita uma visão modernizadora e industrializada que justificava, em nome do progresso e da civilização, a intervenção européia nos países sem desenvolvimento.⁴ Nas descrições das paisagens, em especial a americana, em que se fundem ciência e estética, é possível perceber a proposta intervencionista dos europeus. John Mawe, em 1816, referiu-se a ela como “uma máquina adormecida à espera de alguém” que a colocasse em movimento. Humboldt a representava como um quadro que precisava ser transformado pela “indústria e eficácia”, assim como também deveria ser transformada a população colonial, de “massa indolente, indiferente, carente de apetite, noção de hierarquia e gosto pelo trabalho, em assalariado e mercado para os bens de consumo metropolitanos” (Pratt, 1991, p.161-62).

Neste contexto, as viagens exploratórias passaram a ter também um caráter cultural, educativo. Na Inglaterra surgiu o “tour de aventura” praticado por jovens afortunados que geralmente viajavam acompanhados por ilustres professores pela Europa e a outros países considerados exóticos como a África, Índia e América. John Locke já havia afirmado que o aprendizado era necessário para conhecer e controlar os insubordinados. A seu

ropéias que através da criação de uma organização de estados, aproveitarão de forma mais eficiente os recursos dos países e povos dominados. (HOBSBAWM, E. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001).

⁴ Para esta estudiosa, ocorria na Europa uma “consciência planetária”, na qual ela própria se via muito mais do que uma região do mundo, mas que na verdade tratava-se de um projeto político que ia muito além de apenas descrever e classificar o mundo, tratava-se de um grande projeto de expansão política e comercial que a Europa ensinava em uma escala global (Pratt, *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. Londres, 1992, pp.15-37).

ver, a observação direta dos costumes e usos, da política, do governo e da arte de outras nações muito contribuiria, pois os jovens, após estas viagens, voltariam enriquecidos para exercer cargos políticos. Aliado a esse objetivo educador, emergiu um novo gosto em apreciar a natureza, as montanhas, o ar e o campo, que a literatura romântica explicitou com maestria. Já no final do século XVIII e início do século XIX, o prazer do descanso e da contemplação das paisagens se transformou na denúncia da deterioração da qualidade de vida dos centros urbanos industriais.

A burguesia inglesa, fomentadora desta “educação do olhar”, tratou de apagar os vestígios do passado erigindo o novo, o moderno. Não se privou de deixar sua marca, transportava as observações realizadas e os modelos idealizados para as suas mansões e jardins pitorescos, reproduzia as paisagens, as estátuas e as obras de arte. Fez-se preciso reproduzir ou pintar aquilo que era belo, como se houvesse um despertar do homem. Uma nova sensibilidade nascia, a natureza já não era algo selvagem a ser domesticada, mas a ser preservada e desfrutada. Assim, este (re)aprender a ver, esta (re)educação dos sentidos somados à estruturação de uma nova sociedade, cingida pelas desigualdades sociais e baseada em leis universais, que se acreditava poder determinar os comportamentos e os mores dos indivíduos, possibilitaram o surgimento de uma teoria crítica da sociedade industrial.⁵

⁵ A concepção da sociedade organizada aos moldes científicos que deveria funcionar “como uma máquina (...) por meio de seu próprio movimento, manter naturalmente em equilíbrio as engrenagens, eliminando aqueles que não se ajustassem com perfeição”, suscitou inúmeras críticas, porque ela não estava dando conta de resolver os problemas sociais surgidos com a sociedade industrial. Edmund Burke, Carlyle, Flora Tristan, Engels, entre outros, foram homens letrados que denunciaram a falência do modelo mecanicista da sociedade e alertavam para o perigo da sociedade inglesa dividida em grupos antagônicos, nos quais imperavam desigualdades sociais extremas. Colocavam a necessidade de o observador da sociedade ir além das aparências e se inserir no submundo, trazer à tona a miséria, a fome e a opressão que estavam sendo camufladas pela aparência do poder e da riqueza da Inglaterra. (Bresciani, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro Urbano (as cidades no

O “tour pedagógico” dos séculos XVII ao XIX permitiu ao europeu ir criando sua identidade nacional retratava seu próprio país a partir de um modelo idealizado, e é com este mesmo olhar educado que ele vai analisar e descrever o outro. Daí surgirem nos textos científicos e literários o belo, o pitoresco e o sublime como categorias estéticas descrevendo e classificando o desconhecido, o exótico, o outro. Na literatura dos viajantes, estas categorias se fizeram presentes nas observações e representações das paisagens campestres, das cidades e de seus habitantes (Bresciani, 1986, pp. 209-42).

A nossa proposta é tentar buscar aqui algumas considerações no relato de um destes viajantes do séc. XIX que percorreram o mundo e fizeram dele um laboratório — o naturalista francês Auguste de Saint Hilaire (1779-1853),⁶ sobre sua viagem à Província de Minas Gerais, em 1817 — tentando perceber o seu olhar educado sobre a grandeza da natureza, os indivíduos e as cidades. Retomar seus conceitos e valores, perceber como foram construídos e as influências sofridas, para que possamos compreender melhor sua construção discursiva que, como outros relatos e iconografias de viajantes europeus, construíram nossa identidade nacional, ignorando qualquer olhar nativo. Portanto, o que se pretende nesta reflexão é não perder de vista o fato de que estes observadores partiram de um modelo *a priori*, construído sob concepções universais advindas dos métodos científicos, consideradas pelos homens cultos do século XIX aplicáveis a qualquer sociedade; assim eles direcionavam ao seu objeto específico um olhar adestrado.

século XIX)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 5, nº. 8/9, set. 1984/abr. 1985, pp. 51-52).

⁶ August de Saint-Hilaire chegou ao Brasil com 37 anos. Viajou durante seis anos pelo interior do país coletando exemplares de plantas, que segundo alguns dados chegou a contar com 30 mil exemplares de 7 mil espécies, das quais muitas eram até então desconhecidas. O estudo desse acervo teria sido a razão de sua vida após o retorno à França.

O Belo e o Sublime direcionando as paixões humanas

Perseguindo este objetivo buscaremos no decorrer do texto dois pensadores que, de formas diferenciadas, estavam preocupados com a questão da estética e suas relações com os indivíduos. Emmanuel Kant (1724-1804) devotava total interesse em compreender os indivíduos e, ao mesmo tempo, o que eles produziam na sociedade no sentido moral e ético. Crítico de qualquer empirismo que acreditava poder levar apenas à aparência, afirmava que a razão — virtude natural dos homens —, criava o mundo moral. Propunha uma pesquisa cuidadosa sobre a propriedade das coisas que poderiam afetar o corpo e, em seqüência, as paixões humanas. Acreditava que os objetos exteriores tinham capacidade de influenciar os órgãos dos sentidos, afetando diferencialmente as pessoas e, em contrapartida, o ser humano também teria a capacidade de afetar as coisas. Partindo dessa premissa, procurou conhecer as coisas em si mesmas, passou a observar as pessoas externamente para chegar ao seu caráter. Em sua minuciosa apreciação estética, observou e descreveu suas fisionomias, caracterizou-as em tipos segundo suas sensibilidades, afirmando que os sentimentos determinavam seu caráter moral (Kant, s/d, pp. 451-509).

Aqueles que possuíam um temperamento calmo, lento, que sabiam controlar facilmente suas emoções e manter-se impassíveis, Kant os classificou de *flegmatique*, o tipo mais propício a ter falta de senso moral. As pessoas que se atraíam pelas emoções do sublime e estavam sempre tristes, envoltas em afetividades e imaginações, foram classificadas de *melancolique*, eram portadoras de uma firme dignidade, auto-estima e virtude de princípios; sabiam guardar seus segredos e os dos outros, pois amavam o silêncio pela sua riqueza de pensamentos. Possuíam uma natureza humana constante e uma grande força para amar, mas se seu caráter se degenerava, poderiam se entregar com facilidade à melancolia, à meditação e ao fanatismo. A ofensa e a injustiça despertavam-lhes o desejo de vingança e as levavam a desafiar o perigo, podendo chegar à extravagância.

Já as pessoas de temperamento *sanguin*, para Kant, possuíam um sentimento vinculado ao belo, sabiam jogar com a vida, aceitavam as diversidades e gostavam das mudanças. Eram bons companheiros, alegres e sabiam divertir os outros. Moralmente, simpatizavam-se muito com o próximo, sendo, pois, piedosos e autênticos em seus relacionamentos, mas quando perdiam a razão, tornavam-se frívolos e abandonavam-se aos prazeres. Os do tipo *colérique* estavam ligados ao sentimento do sublime, eram coléricos, agressivos e afetados. Mais agitados que os de temperamento *sanguin*, não se preocupavam com os princípios da virtude, mas com os de honra; não demonstravam nenhuma sensibilidade com a beleza ou com o valor dos atos, porém, estavam atentos ao julgamento que o mundo poderia fazer sobre eles. Uma característica marcante do tipo *colérique* era sua capacidade de dissimular, sabiam ser hipócritas em matéria de religião e aduladores nas relações cotidianas (Kant, s/d, pp. 461-71).

O filósofo, determinando o caráter dos homens pelas suas sensibilidades, partiu para a investigação das diferentes formas dos povos sentirem o belo e o sublime — fontes universais de sentimentos e prazeres —, suas características nacionais que, para ele, além de estéticas, eram de natureza moral. Afirmava que os italianos e os franceses se identificavam mais com o belo. Entre os franceses encontrou um gosto mais refinado para as belas-artes, a poética e a oratória; eram particularmente sensíveis à beleza moral, polidos e muito amáveis; sabiam preservar seus nobres sentimentos de cidadãos com a nação e de cavalheiros com o *beau sexe*. Nos italianos destacou a sua genialidade para a música, pintura, escultura e arquitetura.

Os ingleses, os alemães e os espanhóis, ao contrário, se aproximavam do sentimento do sublime. Para Kant, os ingleses eram frios e indiferentes com os estrangeiros mas, com os amigos, eram muito prestativos; diferentemente dos franceses, não dispensavam às mulheres muitas amabilidades, eram introspectivos e constantes em seus princípios. A forma de sentir dos alemães parecia ser uma mistura de ingleses e franceses, ou seja, se aproxi-

mavam tanto do belo como do sublime, porém, mais complacentes, racionais e comedidos que estes últimos; metódicos nos seus sentimentos, sabiam unir o belo e o nobre. Em situações desfavoráveis ou constrangedoras, conseguiam manter sangue-frio. Família, títulos, tradição e honra eram, para os alemães, coisas muito importantes que lhes davam orgulho ou os levava à fraqueza. Os espanhóis se destacavam pela sua sensibilidade às grandes ações, eram corajosos, honestos e sinceros. Sua característica marcante era a extravagância, arriscavam a vida e enfrentavam o perigo por uma homenagem particular. Já os holandeses eram vistos pelo filósofo como um povo pouco sensível ao sentimento do belo e do sublime, eram impassionais e amigos da ordem, se aproximavam muito de um temperamento *fleugmatique*.

Kant analisou também o modo de sentir dos povos do Oriente — árabes, persas, indianos e japoneses —, dos africanos e dos índios da América, identificando entre eles uma degeneração do gosto: a extravagância. Os árabes eram povos hospitaleiros e sinceros, mas seus sentimentos estavam sempre entremeados do maravilhoso, suas representações e imagens eram deformadas. Os indianos tinham um gosto por figuras grotescas que se transformavam em ídolos monstruosos de sua religião; os chineses também eram grotescos e adaptavam formas bizarras e monstruosas em seus rituais. Os negros africanos estavam desprovidos de qualquer sentimento acima do pueril e se entregavam à idolatria de uma religião fetichista. Os indígenas americanos — com exceção dos índios da América do Norte, portadores de sentimentos de honra e honestidade —, não apresentavam um sentimento refinado e se destacavam por uma extraordinária insensibilidade. (Kant, s/d, 494-507).

Observando as relações entre os sexos desses povos, Kant aborda a questão que lhe era cara: a moralidade. Constatou que somente os europeus possuíam a capacidade de lidar com a sensualidade associada à moral. Os orientais, marcados pela excentricidade, tinham mau gosto, não davam valor ao prazer sensual, eram imorais e agiam segundo os instintos em seus

haréns, desvalorizando e escravizando as mulheres. O filósofo também marcou as diferenças entre sexos,⁷ raças e nacionalidades. Acreditou estar criando com sua apreciação estética, um dos momentos propícios para os homens saírem das trevas para o esclarecimento — a percepção do gosto e do belo—, pois acreditava que o uso pleno da razão, que era libertária e emancipadora, poderia livrá-los das amarras, levando-os à sua maioridade, à ilustração e ao reino da liberdade (Kant, 1991, pp. 83-4). Mas, na verdade, muitas vezes acabou criando uma sustentação teórica para os preconceitos e outras teorias raciais vindouras.

Assim como Kant, Edmund Burke (1729-1797) estava pensando, na metade do século XVIII, uma teoria da estética que explicasse como as coisas atingiam as pessoas de forma genérica. Sua proposta foi promover uma investigação acerca das paixões, dos órgãos do espírito, apoiada em bases filosóficas. Burke também acreditava que os fundamentos do julgamento estético estavam nas próprias coisas, em suas propriedades. Por isso enfatizava tanto as propriedades dos objetos e a sua capacidade de despertar as

⁷ Em sua apreciação Kant afirma que a natureza fez as diferenças entre os sexos. O *beau-sexe*, com suas formas mais afinadas, falante e sedutor, está muito mais próximo do belo, aliás, a beleza é o seu ponto de referência particular. As mulheres têm de nascença um sentimento forte para tudo o que é belo, gracioso e coquete, e desde a infância gostam de se enfeitar. Seu ar expressa alegria e afabilidade, são bem-humoradas, elegantes e sabem se autodirigir. Elas estão sempre plenas de sentimentos altruístas, de bondade e de compaixão; seus tratamentos são dóceis e sua sensibilidade muito mais aguçada que a dos homens, se ofendem com pequenas coisas. Enfim, é uma *belle intelligence*, mas são incapazes de desenvolver atividades intelectuais mais profundas, têm mais sensibilidade para a música e a pintura. Já o sexo masculino se identifica com os sentimentos do sublime, possuem uma *intelligence profonde*, são maliciosos e experientes, mais contidos em seus sentimentos, confiantes em si mesmos e na idéia do próprio valor. Kant define até mesmo as diferenças de impressão que produzem sobre o sexo masculino as formas e as características do *beau-sexe* – o encantamento – e conclui que este recobre no fundo o instinto sexual, que faz parte da natureza e é sentido de forma diferenciada, segundo o gosto de cada um, ou seja, aqui também os sentimentos são morais e, tanto podem ser refinados como mesquinhos ou grosseiros. (Kant, s/d, pp.478-484).

paixões humanas que, por sua vez, adivinham de formas diferenciadas de gostos.

[...] a sensibilidade e o juízo, que são as qualidades componentes do que se costuma chamar de gosto, variam muitíssimo de pessoa para pessoa. Da ausência da primeira dessas qualidades provém a falta de gosto; a debilidade da segunda resulta no gosto equivocado ou mau. Existem homens de sentimentos tão embotados, de temperamento tão frio e fleugmático que, durante toda a sua vida dificilmente podem ser despertados. Nessas pessoas, os objetos mais admiráveis produzem apenas uma impressão fraca e vaga. Há outros tão continuamente entregues aos prazeres grosseiros e meramente sensuais, ou tão obcecados pela vil labuta da avareza, ou tão excitados pela caça às honrarias celebridades que seus espíritos, incessantemente acostumados aos tumultos destas paixões violentas e tempestuosas, dificilmente podem se comover com o jogo sutil e requintado da imaginação. Esses homens, embora por motivo diferente, tornam-se rudes e insensíveis quanto os anteriores; mas sempre que qualquer um desses dois tipos de pessoa fica maravilhado à vista ou de algo grandioso ou delicado na realidade, ou então diante da presença desses atributos em alguma obra de arte, sua emoção nasce do mesmo princípio (Burke, 1993, p. 32).

Logo, para Burke, o mau gosto provinha de um defeito do juízo, causado por alguma deficiência do entendimento, por falta de um exercício adequado ou qualquer outra paixão nefasta como a ignorância, o preconceito, a leviandade entre outras. Percebemos que tanto Kant como Burke em suas observações marcavam as diferenças e perseguiram o problema da moral e da ética, ou seja, da ação humana. Porém, diferentemente de Kant que defendia que o conhecimento era inato ou *a priori*, Burke, como racionalista que era, acreditava na luta pela perfeição e afirmava que era aprendido, ou seja, o homem poderia adquirir um gosto crítico, aperfeiçoar seu espírito através da ampliação do conhecimento, da observação e da prática constantes:

[...] aqueles que cultivaram aquela espécie de conhecimento, que constitui o objeto do gosto, mediante um aperfeiçoamento gradual fundado na experiência, adquirem um juízo não apenas tão sólido mas também tão rápido quanto o que os homens formam através de métodos idênticos acerca de todos os outros assuntos (Burke, 1993, p. 34).

Foi na busca de compreender os fundamentos do julgamento estético que Burke foi desvendando os meandros das paixões humanas e elaborando seus conceitos do belo e do sublime. O primeiro correspondendo a um prazer positivo, e o segundo vinculado à idéia de dor (mas de natureza positiva), de incitamento às emoções do espírito frente a uma possível situação de perigo mas que, em seguida, levava o indivíduo ao *deleite*, conceito que Burke fazia questão de acentuar por se tratar de uma sensação positiva, de um prazer que vinha acompanhado de outros sentimentos no momento de eliminação da dor e do perigo.

Tanto Kant como Burke acreditavam estar estruturando em suas teorias estéticas todo um saber fragmentado que se arrastava no decorrer dos séculos anteriores, e talvez estivessem certos. Nos textos de época (século XIX) como nos relatos de viajantes, na literatura romântica, nos tratados médicos, nos códigos de posturas e projetos sanitaristas, encontramos a presença marcante das teorias estéticas organizadas a partir da metade do século XVIII, exteriorizadas nas figuras do belo, do pitoresco e do sublime, adaptadas àquele novo tempo carente de explicações conceituais para as transformações bruscas, tanto nos indivíduos como no meio em que viviam.⁸

⁸ No final do século XVIII, detectou-se na França o caráter vicioso de certos ambientes físicos: insalubridade, pobreza, falta de higiene e doenças. Constatou-se que o desconforto gerava a ilegalidade, impedia a educação e o desenvolvimento moral dos indivíduos, fatores estes que desequilibravam a família, o trabalho e a ação do Estado. No século XIX, médicos, engenheiros e sanitaristas estiveram unidos em busca de soluções para esta “patologia urbana”, promovendo, assim, um desenvolvimento acirrado dos meios técnicos. Como os observadores sociais constataram que o desconforto influenciava os hábitos e as práticas dos pobres, gerando doenças e os incapacitando ao trabalho, e levando-os a busca de prazeres mesquinhos; tratou-se de substituir estes maus hábitos por bons hábitos e novas práticas. Intervenções e prevenções foram feitas (distribuição de água e gás, viabilidade das ruas e casas, melhoria no sistema de esgoto, circulação de ar, programa de habitação popular etc.), controlou-se a circulação de pessoas no espaço público, seus gestos e seus corpos a favor da individualidade, da economia e da disciplina. Enfim, os hábitos domésticos e extra-domésticos foram domesticados, privatizou-se o que era público. Venceu o “empreendimento de reorientação autoritária de todo o território

Enfim, no final do século XVIII um novo saber emergia nas (re)leituras sobre as cidades européias e seus habitantes, criando para elas, segundo determinados conceitos estéticos, políticos e filosóficos, uma representação, uma identidade própria, delimitando espaços e detectando o seu problema maior: a pobreza, considerada a matriz da violência, da ociosidade e da imoralidade.

A cidade iria configurar a imagem reduzida do problemático macrocosmo social; presença assustadora e ao mesmo tempo fascinante por sua variedade e por tornar acessível um recorte em algo inabarcável. O medo e o fascínio orientam uma atitude exploratória que fará da cidade um observatório extenso, mas com limites delineados. A atividade exploratória se concentra, com certeza, no levantamento do modo de vida dos homens pobres, trabalhadores e vagabundos, considerados equivalentes aos povos selvagens, e seus bairros definidos como terra incógnita. Os observadores — políticos, médicos, reformadores sociais, sociedades estatísticas — assumem a postura de exploradores de culturas estrangeiras em busca de uma resposta para a questão formulada por Carlyle: “Qual a condição atual da sociedade?” (Bresciani, 1985, p. 60).

Portanto, para os historiadores torna-se relevante entender os viajantes a partir desta problemática européia do século XIX: a emergência e o impacto da sociedade industrial. Estes observadores estavam à procura de conhecimentos que lhes permitissem desvendar o outro que os amedrontava

urbano.” (Beguin, François. “As maquinarias inglesas do conforto”. *Espaço & Debates*. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, ano XI. São Paulo, 1991, nº 34, pp. 39-54.) Sobre esta nova realidade surgida no cenário urbano europeu com a industrialização, Françoise Choay mostra-nos como a ciência se aliou à técnica a partir dos últimos anos do século XVIII, para resolver os problemas colocados pela relação dos homens com o meio em que viviam, visando a promoção do bem-estar, a ordem e o progresso. Fala-nos sobre as intervenções realizadas por Haussmann em Paris para adaptá-la às exigências econômicas e sociais que se impuseram naquele momento: a racionalização das vias de comunicação com a abertura de grandes artérias e a criação de estações, a criação de magazines, de grandes hotéis e cafés, entre outras. (Choay, Françoise. *O urbanismo: Utopias e realidades. Uma Antologia*. Ed. Perspectiva. São Paulo: 1992, pp.1-56.)

e, também, conhecer a si mesmos. Enfim, viviam momentos de choques e inquietações que os impeliam a repensar sua própria cultura na esperança de encontrar explicações para o presente que os afligiam.

Le voyager philosophe qui navigue vers les extrémités de la terre, traverse en effet la suite des âges; il voyage dans le passé, chaque pas qu'il fait est un siècle qu'il franchit. Ces îles inconnues auxquelles il atteint, sont pour lui le berceau de la société humaine... ceux-là nous retracent l'état de nos propres ancêtres, et la première histoire du monde.⁹

Nesta perspectiva, o povo selvagem, por se encontrar em um estágio natural e independente dos preceitos morais da sociedade moderna, passou a ser visto como um objeto de autoconhecimento para os europeus dos séculos XVIII e XIX .:

Ici, nous pouvons relever d'abord les variétés qui appartiennent au climat, à l'organisation, aux habitudes de la vie physique, et nous remarquerons que parmi des nations beaucoup moins développées par l'effet des institutions morales, ces variétés naturelles doivent ressortir d'une manière beaucoup plus sensible: moins distinguées entre elles par les circonstances premières et fondamentales qui appartiennent au principe même de l'existence. Ici, nous pourrions trouver les matériaux nécessaires pour composer une échelle exacte des divers degrés de civilisation, et pour assigner à chacun les propriétés qui le caractérisent; nous pourrions reconnaître quels sont les besoins, les idées, les habitudes qui se produisent à chaque âge de la société humaine. Ici, le développement des passions et des facultés de l'esprit se trouvant beaucoup plus limité, il nous deviendra bien plus facile d'en pénétrer la nature, d'en assigner les lois essentielles. Ici, les générations n'ayant exercé les unes sur les autres qu'une très légère

⁹ O viajante filósofo que navega pelas extremidades da terra, atravessa em efeito pelas seguintes idades; ele viaja no passado, cada passo que ele dá é um século que ele vence. Estas ilhas desconhecidas nas quais ele chega são, para ele, o berço da sociedade humana [...] é lá que nos retrataremos o estado de nossos próprios ancestrais, e a primeira história do mundo. (Gérando, Joseph-Marie de. "Considérations sur les diverses méthodes à suivre dans l'observation des peuples sauvages". *Aux Origines de L'Antropologie Française. Le Sycomore*. Paris, s/d, p.131).

influence, nous nous trouverons en quelque sorte reportés aux premières époques de notre prope histoire...¹⁰

Levando em consideração esta situação vivenciada pelos homens cultos do século XIX, podemos ressaltar a importância dos relatos e da iconografia dos viajantes para o historiador. Estes trabalhos, apesar de menos comprometidos com a objetividade, podem ser tomados como uma possibilidade para percebermos a ambiência, as construções das imagens e representações de cidade/campo e de seus habitantes; não apenas empiricamente (como faziam os viajantes), mas percebendo-as como um complexo fenômeno diversificado, que vai além da reificação observada por Kant e Burke, que enfatizavam a influência das propriedades dos objetos na sensibilidade dos indivíduos e na formação do seu caráter ou julgamento estético.

Auguste de Saint-Hilaire: um olhar atento, um olhar armado

A partir de 1808, com a abertura dos portos brasileiros às nações, os viajantes estrangeiros passaram a ter permissão para transitarem por todas as regiões, inclusive as de mineração no interior do país, antes proibidas. Os viajantes que aqui estiveram no início do século XIX, em sua maioria, estavam preocupados em definir o Brasil em termos de seu meio ambiente, suas

¹⁰ Aqui, podemos notar o início das variedades que pertencem ao clima, à organização, aos hábitos da vida física, e nós perceberemos que entre as nações menos desenvolvidas por consequência das instituições morais, estas diversidades naturais devem evidenciar de uma maneira mais sensível: menos distintas entre elas pelas circunstâncias primeiras e fundamentais que pertencem ao princípio mesmo da existência. Aqui, nós podemos encontrar os materiais necessários para compor uma escala exata dos diversos graus de civilização, e para atribuir a cada uma as propriedades que a caracterizam; nós podemos reconhecer quais são as necessidades, as idéias, os hábitos que se produzem a cada período da sociedade humana. Aqui, o desenvolvimento das paixões e das faculdades do espírito se encontra mais limitado, ele nos tornará bem mais fácil de lhe penetrar na natureza, de lhe atribuir as leis essenciais. Aqui, as gerações não têm exercido uma sobre as outras mais que uma leve influência, nós nos encontraremos de qualquer maneira reportados às primeiras épocas de nossa própria história.” (Idem, p.131)

matas tropicais e florestas. Eram geralmente naturalistas em expedições de cunho científico que vinham, segundo alguns estudiosos, seduzidos pelas representações de paisagens de beleza pictórica, pelas imagens de cidades prazerosas, pela riqueza natural descritas na literatura de viagens anteriores e, também, em busca de novas experiências (Manthorne, 1996, pp. 60-71). Para outros, estes viajantes cientistas faziam parte de um projeto europeu expansionista instrumental e ideológico (Pratt, 1991, p.152).

Porém, percebemos nos relatos de viajantes do século XIX que estes procuravam ser científicos, estavam mais preocupados em retratar a realidade mas, ao mesmo tempo, demonstravam uma certa consciência da interferência do observador. Esses observadores tentavam desmistificar o que havia sido colocado pelos viajantes anteriores, atentavam para a necessidade de se fazer uma crítica, cotejar o que foi falado. Nessa investida, a natureza se tornou o objeto e o substrato indispensável de toda a narrativa e do julgamento estético. Era preciso observar, coletar dados, classificar e marcar as diferenças tanto da natureza como dos homens. Mas, apesar do apreço à objetividade, os observadores não abriram mão do artístico, do sublime, para enfatizar a grandeza e a exuberância da natureza, contrastando-a com a pequenez do homem, resguardando, assim, uma tendência do romantismo.

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire e o etnógrafo Langsdorff (na época, cônsul da Rússia a serviço no Brasil), acompanhados pelos seus respectivos criados, partiram do Rio de Janeiro em 7 de dezembro de 1816 com destino à província de Minas Gerais. Nas palavras desse estudioso francês, a viagem acontecia devido ao gentil convite de um amigo, o jovem mineiro Antônio Idefonso Gomes, para que passassem uma temporada na fazenda de sua família. Assim, notificava que sua viagem não apresentava nenhum caráter econômico ou político.

No percurso, Saint-Hilaire foi realizando o trabalho pelo qual tinha o maior apreço: recolher amostras de vegetais que, ajudado pelo seu fiel servidor Yves Prégent, ia catalogando, secando e acondicionando meticolosa-

mente em folhas de papel para as suas futuras pesquisas. Mas, além de desempenhar as atividades de botânico, foi relatando suas observações sobre as cidades, os pequenos povoados e o modo de ser e de viver dos habitantes do interior da província. São essas observações que ora vamos comentar, procurando situá-las em um contexto já abordado neste trabalho.

Saint-Hilaire, como outros estudiosos europeus que retrataram o Brasil no início do século passado, viram-no com o olhar educado do homem culto em busca de informações: a terra era bela e o seu habitante, um ignorante. É essa visão eurocêntrica e racional que vamos encontrar em seus comentários, nos quais o paradigma foi sempre a França e os franceses. As vilas ou pequenas cidades que visitou no interior da Província de Minas estão vinculadas à imagem do atraso e da falta de conhecimentos: em Sabará, encontrou uma população pastoril, mas com poucos conhecimentos de como lidar com o gado; em Paracatu, uma população pequena e isolada “dos restantes da província, afastados ainda do progressos da civilização”. Para comprovar o atraso do campo, dos provincianos mineiros e a superioridade de conhecimentos dos europeus, nosso viajante, já no final desta da viagem, relatou:

Não posso deixar de mencionar o fato de ter visto, depois do engenho de Canoas, uma charrua quebrada, a primeira que se me apresentou aos olhos desde que viajava pela Província de Minas. Fora, sem dúvida, construída por algum europeu, que terá tentado introduzir nessa região as práticas de sua pátria; seus esforços, porém, não obtiveram sucesso contra a rotina e uma preguiça, cujo principal motivo é a ausência de necessidades. (Saint-Hilaire, 1975, p.356)

Das cidades visitadas, onde tanto “atraso” e “decadência” presenciou, o viajante se surpreendeu com Barbacena e fez dela uma exceção:

Julgava que Barbacena [...] não apresentasse mais que uma reunião de miseráveis choupanas, e fiquei agradavelmente surpreendido de encontrar uma pequena cidade que pode rivalizar com todas as da França de igual população [...] ruas principais são bem traçadas e bastante largas [...] A maioria das casas possui um pequeno jardim de onde se

retiravam belos cachos de uva, pessegueiros cobertos de frutos, flores cultivadas nos jardins da Europa, tais como cravos, escabiosas, amores-perfeitos, belíssimos legumes. (Saint-Hilaire, 1975, pp. 61-62).

Para descrever a capital da província, Vila Rica, o observador criou todo um clima que suscita um impacto emocional no interlocutor. A apreensão começa com sua entrada na cidade, que coincide com um tempo sombrio que contribuía para aumentar o semblante melancólico da região:

Montanhas que, por todos os lados, dominam a cidade, casas antigas e em mau estado, ruas que descem e sobem [...] Pelo vale a que descemos corre o Rio de Ouro Preto, pequeno curso, cujas águas, pouco abundantes, são sem cessar divididas e subdivididas pelos faiscaidores, e cujo leite, de um vermelho escuro, não apresenta mais que filetes de água que correm entre montes de seixos enegrecidos, resíduo das lavagens. (Saint-Hilaire, 1975, p. 69).

Os jardins da capital eram mal cuidados. As ruas, construídas sobre morros, tinham pouca regularidade. As casas agrupadas desigualmente entre tufos condensados de vegetais ganhavam um ar de pitoresco, a cor enegrecida do solo e dos tetos, o verde carregado das laranjeiras e cafeeiros, um céu quase sempre nevoento, a esterilidade dos morros não edificadas, davam um aspecto sombrio e melancólico. As casas antigas e mal cuidadas atestavam os poucos recursos dos habitantes e, as mais consideráveis, eram construções pesadas e de mau gosto. Quanto ao lazer sadio a capital não oferecia nada: não havia nenhum passeio público, nenhum café, biblioteca, gabinete literário ou centro de reunião, sequer os viajantes poderiam encontrar uma hospedaria suportável. As únicas distrações dos cidadãos eram o jogo, os prazeres grosseiros e as pequenas intrigas (Saint-Hilaire, 1975, p. 70-73).

Podemos perceber que seus relatos são guardiões das idéias de seu tempo. Utilizando-se de teorias estéticas formuladas a partir do final do século XVIII, Saint-Hilaire foi criando, através de uma experiência do sublime, do pitoresco e do belo uma concepção das cidades visitadas no interior, tendo como parâmetro um modelo de aldeia ou pequena cidade européia, que por sua vez, era também uma idealização, uma representação. As-

sim, a sua representação de cidade tem a clara intenção de mostrar o desenvolvimento e o progresso de um mundo civilizado, em contraste com um mundo ainda selvagem à espera de guias para dirigi-lo.

Se as cidades são perfiladas de um modo tão negativo, o mesmo não acontece com a natureza. Como naturalista, suas observações sobre as paisagens são primorosas e pitorescas. Em sua narrativa é visível o encantamento e o impacto do observador; à medida em que vai se afastando da cidade do Rio de Janeiro para o interior do país, vai delimitando o que é belo e o que é sublime. Nas proximidades da capital as paisagens são compostas de belezas indescritíveis. As matas e os campos são ornados de flores. As montanhas são majestosas, a vegetação é rica e variada. Mas quando vai se distanciando da capital o cenário muda: as habitações e as vendas vão se tornando escassas. Acabam as chácaras ou casas de campo e os terrenos cultivados e as paisagens prazerosas dão lugar aos bosques fechados e montanhas, que provocam fortes emoções pela irregularidade de suas alturas em contraste com a vastidão do verde. A paisagem que se apresenta aos olhos do viajante, quando este entra na Comarca do Rio das Mortes às margens do Paraíba, tem algo que impressiona por um misto de desordem e regularidade selvagem:

Por toda parte o rio é dominado por montanhas elevadas [...] e dá a impressão de que todo ele começa na base de uma montanha mais alta que as outras, e cujo cume absolutamente nu contrasta com a vegetação vigorosa dos morros vizinhos [...] O cume dessas montanhas é coroado de matas virgens, e em suas encostas se estendem bosques vigorosos (capoeiras); três ou quatro choças levantadas aqui e ali pelo meio dos maciços de arvoredo dão vida ao conjunto, e uma delas, erigida ao meio do monte que apresenta a forma de semicírculo, contribui para a regularidade do panorama. (Saint-Hilaire, 1975, pp. 47-48).

Apesar da agressividade das paisagens pelo interior da província, dos perigos encontrados nas matas desconhecidas, das dificuldades com as intempéries da natureza e com o enfrentamento das carências (privação de alimentos, de acomodações, de seus costumes, de informações e de comuni-

cações), nosso observador, frente à magnitude da natureza, é levado ao deleite:

Até então não encontrara bambus senão no meio de florestas virgens, misturados a grandes árvores; mas encontrei os morros vizinhos ao local chamado Alcaide-Mor, cobertos quase unicamente dessas ervas gigantescas. Antes mesmo de ter podido reconhecê-las, já de longe me ferira a vista o aspecto aéreo da vegetação que percebia sobre as colinas; experimentei um verdadeiro encanto, quando vi de perto essas florestas gramíneas com a altura, talvez de quarenta a sessenta pés, que, curvadas em arcadas elegantes, se cruzavam em todos os sentidos, entremeavam seus imensos panículos, e deixavam entrever o azul do céu através das folhas estendidas como uma tapeçaria ao ar livre e sustentadas por semiverticilos de folhas delicadas. (Saint-Hilaire, 1975, p. 52).

Em outros momentos, as paisagens agrestes do sertão o tomam de assombro pela sua capacidade de vencer a morte e lutar pela vida:

Árvores definhadas e quase despojadas de folhas, em meio às quais se observavam algumas, revestidas de folhagem nova; ervas completamente ressequidas pelo sol; aqui e ali intervalos em que se pôs fogo, e onde algumas gramíneas começavam a brotar no meio de cinzas negras [...] um calor muito forte; nada de flores nem insetos; apenas alguns pássaros; nenhuma habitação, nenhuma plantação, nem um único viajante. (Saint-Hilaire, 1975, p.357).

Assim como as paisagens do sertão, as imagens das cidades auríferas após seu período de apogeu chocam-no e levam-no a representá-las com a “imagem de decadência”, outro artifício do seu texto que desperta emoções no leitor. Nestas cidades as casas estavam velhas e mal cuidadas, as ruas sinuosas e escuras, os jardins abandonados, os rios que geralmente cortavam as cidades estavam lamacentos. Nos seus arredores os terrenos estavam esburacados, permanecia a ausência de vegetação e os montes de cascalho, as paisagens tinham um ar de tristeza com os campos desertos, sem cultura e sem rebanhos. Tudo era caos nestas cidades, nada existia ali que lembrasse o passado glorioso, apenas o fracasso, miséria e atraso. (Saint-Hilaire, 1975, p. 68).

Retomando as discussões anteriores, vimos que na Europa do século XIX, a pobreza era considerada um empecilho para o progresso. Essa concepção estava presente nas considerações de Saint-Hilaire quando afirmava que a decadência que assolava as cidades do interior da Província de Minas era conseqüência da ignorância e da ociosidade dos seus habitantes. Além do mais, os homens brancos nutriam um forte preconceito em relação ao trabalho, e somente trabalhavam se a miséria os levassem a um estado de extrema necessidade. Os habitantes não se entregavam à agricultura, e quando um trabalho de algumas horas lhes rendia alguns vinténs, iam descansar. A seu ver os camponeses eram tão acomodados que, em um povoado que visitou às margens do rio São Francisco, observou que seus habitantes “passavam os dias na miséria e na indolência, e morriam de fome sem a pesca, que, nas margens do Rio São Francisco, é tão abundante e fácil.” (Saint-Hilaire, 1975, p. 119).

Em seu relato, Saint-Hilaire permanece o tempo todo preocupado em buscar as causas para a indolência dos sertanejos. Observava o seu modo de viver, ficava perplexo com a falta do que fazer dos mineiros e dizia-se extremamente incomodado quando se percebia observado em suas atividades profissionais:

Não era para admirar que, em uma região deserta em que nunca penetrara um estrangeiro, excitássemos a curiosidade; mas, ao mesmo tempo, é necessário confessar que a perseverança com que nos observavam prova uma falta de ocupação de que, felizmente, há poucos exemplos entre nós. (Saint-Hilaire, 1975, p. 179).

Aqui, as diferenças são frisadas, a curiosidade do europeu era um fenômeno de competência, de busca de conhecimentos; a curiosidade dos sertanejos, sinônimo de ignorância e desocupação. Mas, ao mesmo tempo, o observador francês achava que esta ignorância poderia ser perdoável, pois acreditava que a causa maior estava na influência do clima sobre o caráter daquelas pessoas:

A população permanente das povoações é, em geral, composta quase toda de homens de cor, taberneiros e artesãos. Esses homens, naturalmente sóbrios e estranhos a essa multidão de necessidades que nos impõem os nossos climas frios, podem, sem nenhum inconveniente, entregar-se a essa indolência tão natural nas regiões situadas entre os trópicos. Quando tem farinha para o dia, alguns grãos de feijão e um pedaço de abóbora, será em vão oferecer-lhes dinheiro em troca de trabalho; e, durante minhas viagens, tive quase sempre necessidade de protetores para obter dos artesãos objetos que me eram necessários. A alegria que anima nossos camponeses é estranha aos habitantes das povoações da Província de Minas. Com exceção dos torneios (cavalhada) que às vezes celebram pela época de Pentecostes, não conhecem outra espécie de divertimento além de uma dança que a decência mal permite mencionar, e que, no entanto, se tornou quase nacional (o batuque). Sua felicidade é não fazer nada; seus prazeres são os sensuais. Triste fruto da escravidão, mulatas prostituídas encontram em todas as povoações, e devem necessariamente entreter aí essa depredação dos costumes à qual já bastante excitam o calor do clima, o tédio e a ociosidade. (Saint-Hilaire, 1975, p. 137).

Assim, buscando um aparato na teoria de que o meio ou as coisas influenciavam as pessoas,¹¹ Saint-Hilaire, que se irritava tanto com a lentidão dos mineiros, acreditava estar dando uma explicação científica para a sua ociosidade que acabava por levá-los à perversão dos costumes, aos prazeres mesquinhos¹² e ao pior dos vícios — a bebida —, que contagiava toda sociedade:

¹¹ Já nas últimas décadas do século XVIII, a teoria do meio ambiente se tornou preponderante nos estudos sobre as cidades européias. O homem passou a ser visto como prisioneiro de seu meio, e era este que explicava como ele vivia. Portanto, era preciso buscar o homem e o seu meio. Assim, com caráter científico, a teoria do meio ambiente passou a dar chancela às estratégias disciplinares, visando “formar o cidadão moral e fisicamente são”. (Bresciani, Maria Stella. 1986, p.232)

¹² Alertava que nem mesmo os índios que encontrou escaparam desse comportamento desprezível: “Os índios de Passanha se entregam muito à lascívia. Sucede mesmo, freqüentemente, que esgotados pela voluptuosidade, renunciam à vida, e se enforcam em qualquer árvore da floresta.” (Saint-Hilaire, 1975, p.182)

O gosto pela aguardente é quase geral em todo esse local; as mulheres não estão mais isentas que os homens, e os brancos a ela se entregam quase tanto como a gente de cor. É de crer que o tédio e a ociosidade sejam as causas que tornaram tão comum uma das paixões mais ignóbeis. (Saint-Hilaire, 1975, p. 178).

A seu ver, a desvalorização do trabalho, a ociosidade e a falta de valores morais dos habitantes da província mineira os arrastavam à decadência material e espiritual:

Barbacena é célebre, entre os tropeiros, pela grande quantidade de mulatas prostituídas que a habitam, e entre cujas mãos esses homens deixam o fruto de seu trabalho. Sem a menor cerimônia vêm oferecer-se essas mulheres pelos albergues; muitas vezes os viajantes as convidam para jantar e com elas dançam batuques, essas danças lúbricas que, não o podemos dizer sem pejo, se tornaram nacionais na Província de Minas. (Saint-Hilaire, 1975, p. 64).

Saint-Hilaire não se contentava em apenas observar, fazia apreciações, expressava suas concepções e posicionamentos. A “decadência” e o “abandono” que permeiam toda a sua narrativa sobre as povoações dos distritos auríferos da província mineira, parece ser o que mais o incomodava. Declarava que era preciso buscar as causas e arriscava dar o seu diagnóstico:

[...] o grande número de povoações dos distritos auríferos da província de Minas Gerais, foram edificadas com muito mais esmero do que a maioria das que se vêem em França, e mesmo na Alemanha; foram outrora ricas e prósperas, mas atualmente não apresentam, como toda a zona circunjacente, senão o espetáculo do abandono e da decadência. Podem atribuir-se diversas causas a essa mudança: darei a conhecer as quatro principais, a saber, o modo errôneo por que os mineradores sempre consideraram os frutos do seu trabalho, o defeituoso sistema de agricultura adotado, os créditos a longo prazo concedidos aos arrematantes de bens confiscados, e as perseguições que atraiu sobre os habitantes mais ilustres da província a pretensa conspiração conhecida sob o nome de Inconfidência de Minas. (Saint-Hilaire, 1975, p. 89).

Apresentadas as causas, nosso observador vai desdobrando seu diagnóstico sobre o “atraso” que para ele não se desvinculava da “preguiça” que

assolava aquela província. Observando o cotidiano do trabalho em uma forja numa região onde “o calor convidava à preguiça”, percebia que o homem ali tinha poucas necessidades e o trabalho, que era considerado uma vergonha, parecia ser somente coisa de escravos. Achou que naquele lugar, nada era tão difícil como radicar operários livres, pois observou que aqueles homens só trabalhavam quando o intendente da forja estava presente; se ele se retirava por algum tempo, tudo esmorecia e eram dias de trabalho perdidos. Ou seja, para o observador francês, aqueles trabalhadores não estavam disciplinados e fazia-se necessário todo um sistema de controle para que não ocorressem prejuízos. E o mais agravante é que, em sua investigação, chegou à conclusão de que aquela indisciplina do trabalho contribuía para a não probidade do caráter dos provincianos, como também trazia sérios prejuízos ao governo. Diante de tal constatação e pensando em uma instância maior, chegou a aconselhar as autoridades governamentais a:

Se existe um país em que o governo não deva por sua conta explorar manufaturas é o Brasil. A preguiça, e talvez uma indulgência natural levada ao excesso, devem tornar pouco zelosa uma vigilância que não tem como objeto um interesse pessoal imediato. De mais a mais, deve-se confessá-lo, o relaxamento dos laços sociais determinado pelo sistema colonial, pela admissão da escravidão, pela espécie de degradação em que caíra a metrópole, finalmente, pelos maus exemplos dos europeus devem ter tornado a probidade mais rara ainda entre os brasileiros, que entre muitos povos, e, por conseguinte, o governo, é um dos que correm maiores probabilidades de ser enganados. (Saint-Hilaire, 1975, P. 134).

Outra causa da decadência — material e moral— apontada por Saint-Hilaire era a falta de constância dos habitantes da província de Minas que se fixavam em um determinado lugar apenas enquanto este estivesse lhes provendo de riquezas, para abandoná-lo após os primeiros indícios de esgotamento. Para ele, os mineiros não se constituíam senão em uma população nômade, deixavam-se cegar a respeito da natureza de seus bens e precipitavam sua ruína fundando estabelecimentos fixos que em pouco tempo aban-

donavam. E o pior, as riquezas que retiravam da terra só serviam à prosperidade de estranhos, pois seus descendentes ficavam pobres ou se dedicavam ao comércio.

Além do despreparo para o trabalho, da ausência de visão empresarial, do desrespeito à natureza, os provincianos que tinham a dádiva de uma terra fértil não a aproveitava corretamente como faziam os europeus, que utilizavam o arado e os fertilizantes e sabiam dar descanso à terra. Essa falta de racionalidade e produtividade era consequência da falta de conhecimentos técnicos sobre a agricultura — derrubada de florestas, queimadas, e culturas repetidas — e, também, pela acomodação, os mineiros acreditavam que as jazidas de ouro fossem inesgotáveis e não se dedicaram à lavoura:

[...] entre nós se contempla com doce satisfação as messes que começam a amarelecer, mas um campo recentemente lavrado também agrada aos olhos por esse aspecto de regularidade que, despertando as esperanças, atesta o trabalho do homem industrioso e civilizado. No Brasil, pelo contrário, o terreno que se acaba de semear só apresenta a imagem da destruição e do caos; a terra está coberta de cinzas e carvões, de montes de galhos esparsos semicarborizados pelas chamas, e no meio deles se elevam os troncos enegrecidos e despojados da córtex: espetáculo tanto mais pavoroso, quanto contrasta com as majestosas belezas das florestas circunjacentes. (Saint-Hilaire, 1975, p. 90).

Saint-Hilaire apresenta uma sugestão, marca as diferenças e determina os lugares. Para ele o governo deveria criar leis a favor de colonos estrangeiros, isentando-os de impostos por um determinado tempo, pois os europeus, conhecedores das práticas corretas da agricultura (como se eles também não tivessem outrora destruído suas florestas), além de aumentarem a população, poderiam ensinar o processo de cultivo mais racional aos brasileiros. Portanto, tal proposta “não poderia ter sido feita para convidar os próprios brasileiros, que já destruíram tantas florestas”, pois se assim fosse, iam “dar cabo das que ainda restavam”. Na verdade, suas preocupações com a flora brasileira ajudou-o a criar uma imagem negativa dos agricultores mineiros. Afir-

mava que estes terminavam o que começaram os homens que iam à cata do ouro, chegando à funesta destruição das matas:

Diariamente árvores preciosas caem sem utilidade sob o machado do lavrador imprevidente. É possível que, no meio de tantos e tão repetidos incêndios, não tenha desaparecido uma série de espécies úteis às artes e à medicina, e, dentro de alguns anos, a Flora que nesse momento acabo de publicar, não será mais, para certas regiões, senão um monumento histórico.¹³

Para Saint-Hilaire, as oportunidades aventurosas da procura do ouro desvirtuaram a moral e arrastaram os mineiros à decadência. Exaltaram en-

¹³ SAINT-HILAIRE, 1975, p. 92. É importante perceber que esta imagem negativa ganhou ecos na historiografia brasileira. Durante um longo tempo reproduziu-se a “decadência” econômica da província de Minas Gerais após o declínio do ciclo do ouro. Porém, nos últimos anos, historiadores e pesquisadores têm demonstrado as incorreções destas análises. Um trabalho significativo é a obra de Alcir Lenharo, que revendo o processo político de formação do estado nacional pelo viés das relações de mercado interno estabelecidas entre os núcleos produtores do Centro-Sul e o mercado da Corte, nos mostra um revigoreamento da economia interna do Sul de Minas nas últimas décadas do século XVIII. A partir de 1808, a província mineira começou a participar ativamente no abastecimento da Corte, justamente porque já possuía uma produção de gêneros alimentícios e também atividades pecuárias com caráter mercantil de subsistência, que permitiu a assimilação do fluxo migratório das áreas de mineração em crise e a produção do excedente comercializado regionalmente. De Minas desciam para o Rio de Janeiro porcos, galinhas, ovelhas, bois, cereais, banha e outros gêneros de primeiras necessidades. Esta participação permitiu aos produtores mineiros se inserirem no mercado e também no cenário político da Corte (Lenharo, A. *As tropas da moderação: O abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo, Símbolo, 1979). Outro trabalho recente confirma as colocações de Lenharo. Martins, estudando a economia escravista mineira não exportadora do séc. XIX, afirma que Minas Gerais teve de longe a maior população de escravos devido à corrida do ouro e do diamante. Mas quando essa febre diminuiu, os escravos foram sendo remanejados para o campo, se retirando com seus donos para os setores de subsistência, de forma que, quando a crise se instalou na mineração, grande parte do contingente de escravos da província estava ligado à produção agropecuária, o que permitiu, algumas décadas depois, o surgimento do surto do café. (Martins, Amílcar. “Slavery in a nonexport economy: Nineteenth-Century Minas Gerais Revisited. *Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, 1983, pp. 538-43).

tre eles “esse espírito de inquietação natural a todos os homens; como jogadores, se deixam arrastar pela menor luz de esperança, e estão sempre prontos a sacrificar o que há de mais real às quimeras de sua imaginação.” Justificava que muitos mineiros que se aventuraram pelo interior, vivendo a grandes distâncias uns dos outros, perderam pouco a pouco as idéias que inspiravam a civilização. Mas, apesar do “atraso”, vislumbrava possibilidades do progresso chegar no interior da província. Entre tantas deficiências, consegue perceber algumas qualidades intelectuais dos mineiros:

Em geral, por toda esta região (Itabira) encontrei muita gente que compreendia bem nossa língua, não obstante os escassos meios de que dispunha para aprendê-la; o que contribui para provar a facilidade que os habitantes de Minas têm para o estudo. (Saint-Hilaire, 1975, p. 126).

Os mineiros possuíam uma “inteligência natural”, logo, se fossem “civilizados e disciplinados” poderiam se transformar em eficientes trabalhadores e cidadãos com boas condutas. Em suas andanças, perto de Mariana encontrou um

homem muito industrioso, Manoel Fernandes Nunes, que mandou construir fornos e criou uma manufatura de espingardas. Suas forjas foram o modelo de doze outras depois estabelecidas na região. Pessoas que outrora passavam a vida a mendigar, trabalham atualmente nessas fábricas e aí encontram abrigo contra a ociosidade, o vício e a miséria (Saint-Hilaire, 1975, p. 122).

Em toda a província os habitantes eram, na maioria, “homens de cor, pouco abastados e sem educação”; percebia-se neles “algo da grosseira rusticidade” que freqüentemente caracterizava os camponeses franceses. Mas, apesar disso, eram bons, religiosos, submissos a seus superiores, afetuosos, hospitaleiros, generosos, inimigos de disputas e prestavam-se sem dificuldade a despendar do seu bolso em coisas de utilidade pública.

Desta forma, Saint-Hilaire, acreditando na possibilidade de aprendizagem dos sertanejos, que eram ignorantes porque não haviam recebido instrução, formula uma proposta moral para arrancá-los da barbárie e levá-

los à civilização: uma reforma educacional. Daí apontava para um outro problema interceptado em suas observações: a formação, a educação e a doutrinação desses indivíduos estavam nas mãos do clero, mas este o havia deixado perplexo com o nível de corrupção e despreparo em que se encontrava. Impressionava-lhe o pouco zelo com a instrução dos fiéis, as cobranças abusivas de taxas pela realização dos sacramentos, além de que os eclesiásticos que viviam na província, a seu ver, traziam as más influências da “ignorância e superstição” de um cristianismo impuro e atrasado, uma herança de Portugal. Apesar de tentar dissimular, Saint-Hilaire, vê o clero contribuir para a cristalização dos “maus costumes” vigentes desde os primeiros anos da colonização:

[...] vieram padres seculares de mistura com os primeiros habitantes do Brasil; mas eram arrastados para o vício pelos homens de espírito aventureiro que os rodeavam, e seus maus exemplos; reagindo em seguida sobre os leigos, deviam contribuir para encorajá-los em seus desregramentos. Desse modo, o desprezo pela moral tornou-se universal. Com o tempo, as condições se foram modificando, sem dúvida; mas então já o relaxamento fazia parte dos costumes [...] Passou-se a olhar com indiferença os deveres mais essenciais; as faltas contra os bons costumes mal se consideravam faltas, hoje em dia; a religião continuou sem moral, e dela apenas se conservaram as práticas exteriores [...] Assim, usa-se à missa bater no peito e ao mesmo tempo conversar-se com os vizinhos. Quase todos os Mineiros usam um rosário no pescoço, mas muito poucos existem a quem tenha visto rezar. (Saint-Hilaire, 1975, p. 85).

Diante desta situação desmoralizante do clero, Saint-Hilaire, após sua viagem ao longínquo norte da província, alertava para um perigo maior:

À sombra desses abusos [do clero] vi uma grosseira incredulidade insinuar-se pelo deserto; se não tomarem cuidado, ela acabará por embrutecer os homens que têm tão grande necessidade de moral e civilização, e acabarão por cair num estado pior que o dos índios (Saint-Hilaire, 1975, p. 310).

Acreditava o viajante francês, homem culto do século XIX que apostava na capacidade do homem de sempre caminhar para o progresso, que só

uma instrução sólida seria capaz de resolver tamanho mal aqui instalado. Em suas análises, somente uma reforma no clero (instruí-lo para educar e doutrinar) poderia tirar os sertanejos que vegetavam na ignorância devido às circunstâncias em que se achavam e não por falta “natural de inteligência:

É surpreendente que homens que vivem tão afastados das cidades e que tão pouco se comunicam uns com os outros tenham conservado tanta polidez e linguagem pura. Alguns meses de instrução bastam muitas vezes para ensinar às crianças a leitura e a escrita, e, apesar da escassez de modelos que os habitantes dessa zona têm sob os olhos, e a ausência total de recursos para aprender o que quer que seja, alguns demonstram uma habilidade e um gosto para as artes mecânicas que mereceriam encorajamentos (Saint-Hilaire, 1975, p. 310).

Considerações finais

Na apreciação estética de Saint-Hilaire sobre as paisagens do interior da província de Minas Gerais, percebemos sua ênfase no sentimento do sublime, do pitoresco e do grotesco para estabelecer contrastes e despertar sensações de perplexidade e melancolia. Descreve-nos a monotonia dos lugares em uma região onde ninguém tinha pressa, a uniformidade e a vastidão do sertão percebidas sobre o arreo de seu cavalo, debaixo de um sol escaldante. A perplexidade ao observar os costumes dos indígenas e, ainda, o enfrentamento e sensações com a escuridão, solidão, silêncio e dificuldades durante as viagens por uma terra que não era a sua. Assim, observando Kant, podemos afirmar que a apreciação estética do naturalista era também moral, buscava o meio porque estava preocupado com o problema moral, com as condutas das pessoas.

Quando descreve de forma tão negativa as pequenas cidades ou povoados podemos perceber que estava influenciado por uma representação de cultura urbana que estava sendo formada na Europa desde o final do século XVIII, com uma nova sensibilidade para perceber as cidades e seus habitantes. É preciso não esquecer que a imagem que se forma da cidade não é so-

mente o olhar de materialidade, mas é também uma idéia que se tem, uma imagem construída por conceitos adquiridos *a priori*. É, na verdade, um conjunto de memórias múltiplas — administrativas, emocionais, científicas — que vão se superpondo no presente.

Ao observar a vida cotidiana dos provincianos, comparando-os com os franceses, expressa com clareza seus preconceitos burgueses, próprios de sua época. Não podemos esquecer que Saint-Hilaire era um homem já inserido na lógica do progresso técnico. Quando se sente perplexo com a “falta do que fazer” e com a “lentidão” dos sertanejos, mostra que tinha um outro conceito de tempo, que significava produtividade e lucratividade. Quando critica a falta de racionalidade, o atraso das ferramentas e o desconhecimento técnico para lidar com a terra e riquezas minerais, deixa evidenciar que era um homem que já havia perdido a experiência criadora, a atividade do trabalho em que a arte das mãos era fundamental.

A proposta civilizadora de Saint-Hilaire para educar, moralizar e promover o progresso na província mineira demonstra o pensamento liberal e ilustrado de seu tempo, que sem ressalvas acreditou na razão, na ciência e no progresso. O viajante observador é kantiano quando se envolve com a questão da “falta de moral” que percebe nos hábitos e nas condutas dos provincianos, a seu ver, uma consequência da ignorância, da falta do uso da razão. Assim como Kant, o viajante francês ao perceber uma “inteligência inata” naqueles homens, acreditou que estes poderiam adquirir conhecimentos e atingir o estado de cultura, criando ali uma sociedade regida por leis universais e condutas morais. Porém se distancia de Kant (que acreditava que os homens poderiam se abster de tutores para alcançar o estado da cultura) e se aproxima de Burke (que defendia a sujeição dos homens e suas paixões) quando imagina as possíveis estratégias para conseguir a efetivação de sua proposta. Para ele, aquelas pessoas demonstravam inteligência, mas não estavam preparadas, necessitavam de guias para se aperfeiçoar, e entre esses guias um poderia ser ele mesmo. E por que não? Fiquemos com sua justificativa:

Lançando os olhos sobre o Jequitinhonha, os sonhos que acalentara na primeira juventude após a leitura de S. John de Crèvecoeur (*Cartas de um lavrador americano*), voltaram a se me apresentar presente a imaginação. Via-me possuidor de algumas léguas de terra às margens do Jequitinhonha. Chego com um criado fiel e alguns escravos. Levanta-se às pressas, um abrigo semelhante ao dos Botocudos, para passar a primeira noite. A princípio passo a existência privado de todas as comodidades da vida; o desejo, porém, de delas gozar, em breve me anima ao trabalho. Parte dos escravos é empregada em cortar árvores nos lugares em que se deverá plantar milho e algodão para o ano seguinte; outros em construir uma cabana. A pouco e pouco o mato desaparece ao redor de minha morada, e o sol aquece com seus raios uma terra sobre a qual não brilhava há séculos. Mando vir cabeças de gado; introduzo um sistema racional de agricultura; construo um engenho de açúcar, outro de serra, e eis-me proprietário de canoas que me vão levar as colheitas a Belmonte. Depois de pouco tempo minha cabana transforma-se em uma agradável residência; acrescento-lhe um pomar e mando fazer para mim um jardim inglês abrindo picadas pela mata. Um trecho de matas várias vezes queimado fornece-me gordas pastagens; meu gado, bem tratado, fornece-me queijos e manteiga; numerosos galináceos e todas as espécies de animais domésticos me animam os arredores da habitação. Introduzo leis em minha pequena república; meus negros são bem alimentados, bem vestidos; pequenas recompensas estimulam-nos ao trabalho; bons tratos, provas de interesse tornam-lhes a existência mais suportável, e fazem-nos amar o seu amo. Todos são casados, e acabam por considerar como sua pátria a dos filhos, e a casa do senhor como a própria. Não me esqueço também dos índios. Começo por atraí-los aos arredores de minha habitação por pequenos presentes. Ficarão certos de receber víveres todas as vezes que prestarem o menor serviço. Habituo-os pouco a pouco ao trabalho; compreendem, em breve, a vantagem de cultivar a terra; fixam-se perto de minha habitação, tornam-se vizinhos prestimosos, e, completo-lhes a civilização tornando-os cristãos. Esses Botocudos, não há muito antropófagos, vêm à minha capela orar por seus inimigos, e sua filha conhece, enfim, o pudor. (Saint-Hilaire, 1975, p. 262).

Bibliografia

- BEGUIN, François. 1991. "As maquinarias inglesas do conforto". In: *Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. São Paulo, nº 34.
- BRESCIANI, Maria Stella. 1985. "Metrópolis: As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)." In: *Revista Brasileira de História*, vol.5, nº 8/9.
- _____. 1986. "Século XIX: A Elaboração de um mito literário." In: *História: Questões & Debates*. Curitiba, dez.
- BURKE, Edmund. 1993. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. Campinas: Papirus; São Paulo: Editora da Unicamp.
- CHOAY, Françoise, 1992. *O urbanismo: Utopias e realidades. Uma antologia*. São Paulo: Perspectiva.
- GÉRANDO, Joseph-Marie de. s/d. de publicação. "Considérations sur les diverses méthodes a suivre dans l'observation des peuples sauvages". In: *Aux origines de L'Anthropologie française*. Paris: Le Sycomore.
- HOBBSAWM, E. 2001. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. 2001. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LENHARO, Alcir, 1979. *As tropas da moderação: O abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo.
- MANTHORNE, Katherine E. 1996. "O imaginário brasileiro para o público norte-americano do séc. XIX." In: Dossiê Brasil dos Viajantes. *Revista da USP*. São Paulo, jun/ag.
- MARTINS, Amílcar, 1983. "Slavery in a nonexport economy: Nineteenth-Century Minas Gerais revisited." In: *Hispanic American Historical Review*. Duke University Press.
- KANT, Emmanuel. s/d.. "Observations sur le sentiment du beau et du sublime". In: *Des premier écrits à la "Critique de la raison pure"*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard.
- _____. 1991. "O que é ilustração". In: *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática.

PRATT, Mary Louise. 1992. *Imperial eyes: Travelwriting and transculturation*. Londres: Routledge.

_____. 1991. “Humboldt e a reinvenção da América.” In: *Estudos Históricos: História e Natureza*. Rio de Janeiro, vol. 4 nº 8.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1975. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.